

## A PÓS-UTOPIA COMO MODO DE APROPRIAÇÃO DO PASSADO PELO PRESENTE EM TRÂNSITO

Leomir Silva de Carvalho (UFPA/ CAPES)

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda (UFPA)

**Resumo:** Este artigo visa analisar, em produção ensaística de Haroldo de Campos, o modo como o conceito de pós-utopia torna-se uma forma de problematizar o presente e de apropriar-se do pensamento europeu. Especialmente no ensaio “Poesia e Modernidade: da morte do verso à constelação. O poema pós-utópico” (1997), proferido pela primeira vez em 1984, Campos demonstra estar atento aos estudos feitos na Alemanha por Hans Robert Jauss, no contexto dos estudos estético-receptivos, e por Octavio Paz na América Latina. Ambos estavam engajados em refletir acerca do conceito de modernidade. Desse modo, a questão central no ensaio de Campos é: qual seria a poesia viável no presente, tendo-se em perspectiva o contundente declínio dos projetos capazes de unir uma coletividade de artistas em torno de um ideal comum. As nomenclaturas insatisfatórias como pós-moderno e antimoderno conduzem à necessidade de pensar uma noção mais abrangente, o pós-utópico. Campos chama a atenção para a atualidade dessa noção caracterizada pela fragmentação, em contraste com as diretrizes totalizantes das vanguardas. O autor paulistano considera que a possibilidade de apropriação de “uma ‘pluralidade de passados’ sem uma prévia determinação exclusivista de futuro” (CAMPOS, 1997, p. 268) é o horizonte aberto pela contemporaneidade. Constata-se que ao aproximar o pensamento diacrônico do teórico alemão ao pensamento que denomina “sincrônico” do poeta e crítico latino-americano, Campos almeja, por meio da apropriação, insubmissa e deshierarchicalizante, questionar o presente refletindo sobre a impossibilidade do surgimento de outras vanguardas e chamando a atenção para o novo paradigma da atualidade nos três âmbitos caros ao seu pensamento acerca do poético, a saber: a tradução, a crítica e a historiografia literária.

**Palavras-chave:** Pós-utopia. Sincronia. Diacronia. Vanguarda.

Entre as décadas de 1960 e 1970, o mundo via reverdecer o ímpeto revolucionário. Momento em que conflitos internacionais, como a Guerra Fria e a Guerra do Vietnã, faziam com que se levantasse uma nova força política, a voz dos jovens. Modelos de hierarquia e autoridade foram questionados, buscaram-se outras formas de representação de gênero, com a intensificação do movimento feminista, e abriu-se caminho para pensar outras formas de organização do mundo. Os jovens, que

participaram ativamente das mudanças, traziam suas demandas para serem ouvidas na sociedade, assumiam uma postura crítica e iam às ruas por liberdades próprias e alheias.

A transgressão é alçada como valor representativo, segundo Irene Cardoso (2005):

Transgressão não no sentido de uma pura negatividade, ou de uma negação absoluta dos limites estabelecidos, mas de um movimento que os atravessa afirmando novos limites. Em outros termos, um movimento que é de negação de valores estabelecidos, mas que na sua face positiva se lança no risco da afirmação de novos valores (CARDOSO, 2005, p. 94).

Segue-se um tom contestador, que não tem como fim último a implosão do ordenamento político precedente, mas que, uma vez instaurada a crise, aceita o risco de pensar novas propostas.

Na Alemanha, marcada pela divisão ideológica representada pelo muro de Berlim, um dos espaços em que a “força jovem” se fez ouvir foi nas instituições universitárias. Sobre esse contexto, Heidrun Olinto afirma que coincidiu: “com o momento de crise nas ciências humanas, com a época dos movimentos estudantis e a criação de novas universidades” (OLINTO, 2004, p. 48). No interior dos muros institucionais, a crise reflete o anseio por reavaliação do cenário acadêmico: “estava sendo pleiteada, sob a bandeira da politização das ciências, uma reflexão crítica acerca de suas bases epistemológicas e metodológicas, bem como acerca das condições da atividade do próprio cientista como parte de um sistema social” (OLINTO, 2004, p. 48). Procurou-se reformular o currículo para orientar as disciplinas a uma abordagem menos tradicional e mais voltada às demandas que se abriam no período. Reúne-se, com esse objetivo, o conjunto de estudiosos que passaram a ser conhecidos como Escola de Constança. Entre eles, figuram Hans Robert Jauss, Wolfgang Iser, Karlheinz Stierle e Hans Ulrich Gumbrecht.

A conferência ministrada por Jauss, na abertura do ano letivo de 1967 da Universidade de Constança, é um marco nessa atmosfera de reforma, como se percebe logo no título de sua fala, conhecida como “provocação”. Na conferência, o teórico alemão reconhece a necessidade de repensar a história da literatura sob outros métodos e práticas científicas.

O texto de sua palestra inicia com um breve diagnóstico da conjuntura de marasmo enfrentada pela disciplina:

Em nossa vida intelectual contemporânea, a história da literatura, em sua forma tradicional, vive tão-somente uma existência nada mais que miserável, tendo se preservado apenas na qualidade de uma exigência caduca do regulamento dos exames oficiais (JAUSS, 1994, p. 5).

Jauss observa o declínio da história da literatura no ensino secundário, na pesquisa dentro das universidades e na crítica literária. De acordo com ele, as publicações recentes da disciplina figuravam apenas como adorno para as estantes da “burguesia instruída”.

Diante do problema, Jauss assume o desafio de redefinir o papel da história da literatura na atualidade. Para isso, propõe que a disciplina transfira o foco da obra e do autor, para o leitor baseado no reconhecimento de que “a relação entre literatura e leitor possui implicações tanto estéticas quanto históricas” (JAUSS, 1994, p. 23).

Na introdução de sua conferência, que recebeu o título de *A história da literatura como provocação à teoria literária* (1994), o pensador alemão dialoga criticamente com as tendências precedentes que desde o século XIX dominavam os estudos literários, são elas: a historicista, a marxista e a formalista.

Haroldo de Campos demonstra estar atento às discussões que aconteçam no país europeu, especificamente no que tange à Estética da Recepção. Em diversos textos de cunho ensaístico revela seu interesse pela corrente teórica que se desenrolava na Europa.

O exercício poético e crítico de Campos, como se pode constatar foi pautado pelo ímpeto vanguardista, polêmico e provocador, que deram o tom de grande parte de seus escritos, desde os Manifestos Concretistas, que desafiam a forma linear e excitam os sentidos, aos seus ensaios e traduções. Esse caráter, no entanto é atenuado no texto “Poesia e modernidade: da morte da arte à constelação. O poema pós-utópico” (1997), em que o autor percebe uma mudança na maneira como a cultura se configura na contemporaneidade.

Nos referido texto, o autor paulistano reflete sobre a impossibilidade do surgimento de outras vanguardas e chama a atenção para o novo paradigma aberto na atualidade, que denomina de pós-utópico. Inserida nesse contexto, a tradução, em estreito diálogo com a crítica, assume papel central como prática renovadora. Nesse momento, a mirada de Campos desvia-se para uma perspectiva mais compreensiva, que tenta compor os fios do presente por meio da reflexão sobre o passado, permitindo entender o modo como se reconfiguram os três âmbitos caros ao seu pensamento acerca do poético, a saber: a tradução, a crítica e a historiografia literária.

“Poesia e modernidade” foi proferido pela primeira vez em agosto de 1984 no México, em um simpósio que homenageava os setenta anos de Octavio Paz, sendo posteriormente republicado distintas vezes em periódicos e revistas no Brasil e ao redor do mundo. Campos começa o texto acentuando a ambiguidade presente no termo “modernidade”. O pensador paulistano dialoga com Jauss, em específico por meio do ensaio “Tradição literária e consciência atual da modernidade” (1996), em que o teórico alemão estuda o conceito de modernidade em Baudelaire, realizando um percurso histórico sobre o termo antes de receber a contribuição decisiva do poeta francês.

Dentre as questões levantadas por Jauss, o que é salutar para a leitura de Campos é ressaltar a variabilidade que a palavra “moderno” adquire nos distintos períodos investigados. Ela constantemente surge ao lado de outro termo, o “antigo”, quando uma consciência do novo é ativada no presente. A mobilidade histórica permite que o conflito se renove aprofundando o conceito e manifestando-se “enquanto nova consciência de modernidade” (CAMPOS, 1997, p. 244) que só se torna possível quando o horizonte da experiência estética se modifica. Destarte, o pensador paulistano enfatiza a relevância que a tensão entre horizontes adquire na percepção diacrônica do conceito de modernidade.

Outra contribuição da qual Campos se apropria em seu texto, é a do autor mexicano Octavio Paz, para investigar aspectos sincrônicos a serem considerados no estudo da modernidade literária, sobretudo a respeito do papel da crítica no contexto de reinvenção do passado pelo presente.

Ao enfatizar o caráter eminentemente sincrônico das considerações de Paz, Campos evidencia apenas o caráter diacrônico do estudo de Jauss. Todavia, sabe-se, que Jauss se preocupou com o estudo dos dois aspectos, inclusive em sua pesquisa sobre Baudelaire. Ainda que se reconheça essa questão, observa-se que a intenção de Campos é compreender as transformações de seu tempo considerando ambos os aspectos no enfrentamento do problema. Ao lado disso, o método heterodoxo de Campos anunciado no ensaio “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira”, publicado em 1981, defende o seguinte: i) a devoração crítica do legado universal, ii) sob o ponto de vista do mal selvagem, i.e. insubmisso e des-hierarquizante. Portanto, não é de grande surpresa que ele realize esse exercício não só na tradução e em poesia, mas também no pensamento crítico.

Assim, o pensador paulistano se atém aos ensaios reunidos na obra *Los hijos del limo* (2008), que apresenta escritos de Paz provenientes de suas conferências na

Universidade de Harvard, feitas no primeiro semestre de 1972. Nele, o autor mexicano tece reflexões a respeito da modernidade literária e pensa seus desdobramentos nos âmbitos crítico, tradutório e criativo. Campos, a partir do texto *Analogía e ironia* (2008), que consta no referido livro, observa que uma das características básicas da modernidade é a tensão entre o passado, e o desejo de unidade com ele (atributo que relaciona à analogia), e a consciência de uma unidade impossível (atributo que relaciona à ironia). Paz em excerto citado por Campos, afirma:

A analogia é metáfora na qual a alteridade se sonha unidade e a diferença se projeta ilusoriamente como identidade [...] A ironia nos mostra que, se o universo é uma escritura, cada tradução dessa escritura é distinta, e que o concerto das correspondências é um galimatias babélico [tradução nossa] (PAZ, 2008, p. 80-81)<sup>1</sup>.

Campos destaca no pensamento de Paz a necessidade da ambivalência para compreender a dinâmica histórica. Desse modo, para proceder ao exame do “ponto de vista sincrônico”, o autor paulistano descreve algumas práticas que se vinculam a esta perspectiva: (i) a apropriação seletiva e não consecutiva da história, que em uma compreensão ampla, liberta da necessidade de considerar o que é imediatamente anterior e ou de aceitar o canônico como habitualmente é abordado; (ii) e reconstrução dialética do passado, percebendo os choques e tensões que constituem a história, o que torna possível ativar um fazer criativo que se percebe determinado e determinante. Campos utiliza-se da noção de *agoridade* como “o momento de ruptura em que um determinado presente (o nosso) se reinventa ao se reconhecer na eleição de um determinado passado” (CAMPOS, 1997, p. 249).

O conceito de *agoridade* é abrangido pela noção de poética sincrônica que Campos considera produtiva na abordagem de um fazer estético inovador. Na relação com a diacronia, a ênfase recai sobre a sincronia, em específico, no potencial que o crítico, o tradutor ou o poeta têm de, em contato com a tradição, realizar as escolhas que considera pertinentes para sua época e para atender às exigências de seu projeto criativo.

O ensaio chega a sua última parte se engajando numa revisão histórica do passado revolucionário. Campos analisa e seleciona as lições importantes para o entendimento de um novo tempo em que as vanguardas se tornaram inviáveis. Isso

---

<sup>1</sup> La analogía es la metáfora en la que la alteridad se sueña unidad y la diferencia se proyecta ilusoriamente como identidad [...] La ironía muestra que si el universo es una escritura, cada traducción de esa escritura es distinta, y que el concierto de las correspondencias es un galimatías babélico (PAZ, 2008, p. 80-81).

porque, de acordo com o crítico paulistano, as vanguardas se caracterizam pelo *princípio-esperança* compreendido como uma “esperança programática que permite entrever no futuro a realização adiada do presente” (CAMPOS, 1997, p. 265). Junto a esse princípio, conjugam-se os anseios de um movimento construído coletivamente, o que pressupõe a temporária dissolução das particularidades de cada membro em favor de um projeto comum, constituído, em última análise, por um ideal utópico.

No que tange ao concretismo da década de 1950, a utopia versou sobre a possibilidade de uma *linguagem ecumênica*, ou seja, “a busca por uma nova linguagem comum, de uma nova *koiné*, da linguagem reconciliada, portanto, no horizonte de um mundo transformado” (CAMPOS, 1997, p. 266). Campos salienta que o contexto era favorável ao otimismo. Vivia-se o governo de Juscelino Kubitschek, que ocupou a presidência entre 1956 e 1961, em que houve a parceria entre um presidente liberal e o arquiteto marxista, Oscar Niemeyer, no momento da construção de Brasília. Esse aspecto marcou um tempo em que o diálogo efetivo entre tendências ideológicas distintas se realizou. Em atenção a essa circunstância, o manifesto publicado em 1958 na revista *Noigandres*, recebe o título de *Plano Piloto* (2006).

Essa atmosfera se prolonga até o início dos anos 1960. Campos cita no plano internacional, a Revolução Cubana (1959) e, em decorrência dela, o aguçamento do debate político e a possibilidade de mudanças na esfera social. No plano nacional, os concretistas traduzem Maiakóvski, na intenção de dialogar com um poeta relevante do ponto de vista da criação estética e, ao mesmo tempo, inserido nas discussões de seu tempo.

Esse cenário se transforma, no entanto, com o golpe de 1964, em que acontece uma guinada do autoritarismo no Brasil, intensificado com o passar dos anos, como ocorreu com a promulgação da lei do AI-5, quatro anos depois. Fora do país, a polarização ideológica, divide o mundo:

O capitalismo imperial, selvagem e predatório, por um lado; por outro, o Estado burocrático, repressivo e uniformizador, convertendo os revolucionários de ontem nos *aparátchki* de hoje, fazendo da arte um espaço de vassalagem para a dogmática partidária (CAMPOS, 1997, p. 268).

Campos comenta que mesmo os antigos revolucionários são absorvidos pelo aparelho estatal, alinhando sua prática artística entre os ditames partidários. As mudanças decorrentes desse contexto alcançam as vanguardas que, devido ao

esvaziamento da função utópica, cerne do *princípio-esperança*, já não são possíveis ou almeçadas.

A questão que encerra o ensaio é: qual seria a poesia viável no presente? Tem-se em perspectiva o contundente declínio dos projetos capazes de unir uma coletividade de artistas em torno de um ideal comum:

Nessa acepção, a poesia viável do presente é uma poesia de pós-vanguarda, não porque seja pós-moderna ou antimoderna, mas porque é pós-utópica. Ao projeto totalizador da vanguarda, que, no limite, só a utopia redentora pode sustentar, sucede a pluralização das poéticas possíveis. Ao *princípio-esperança*, voltado para o futuro, sucede o *princípio-realidade*, fundamento ancorado no presente (CAMPOS, 1997, p. 268).

Nesse caso, as nomenclaturas insatisfatórias como pós-moderno e antimoderno conduzem à necessidade de pensar uma noção mais abrangente, o pós-utópico. Campos chama a atenção para a atualidade dessa noção caracterizada pela fragmentação, em contraste com as diretrizes totalizantes das vanguardas, e pelo *princípio-realidade*. Esse último traz consigo um matiz crítico, a respeito dos sucessivos projetos de futuro que procuram estabelecer um discurso unificador e “messiânico”. Campos considera que a possibilidade de apropriação de “uma ‘pluralidade de passados’ sem uma prévia determinação exclusivista de futuro” (CAMPOS, 1997, p. 268) seja o horizonte aberto pela contemporaneidade. Por conseguinte, o autor de *Galáxias* toma para si esse potencial para observar a poesia para além do *-ismo* de sua vanguarda e frisar que o trabalho com a palavra sob aquela perspectiva se estende em dimensão “transtemporal”.

O autor paulistano também levanta o caráter crítico presente no processo tradutório que é entendido como potência capaz de responder às demandas do novo tempo: “A tradução – vista como prática de leitura reflexiva da tradição – permite recombina a pluralidade dos passados possíveis e presentificá-la, como diferença, na unicidade *hic et nunc* do poema pós-utópico” (CAMPOS, 1997, p. 268). A tradução, então, torna-se dispositivo crítico por excelência que seleciona e atualiza o passado na construção de uma poesia viável, ou seja, de uma poesia que se constitui não como ideal, mas como realidade materializável no presente.

## Referências

CARDOSO, Irene. A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança. *Tempo social*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 93-107, 2005.

CAMPOS, Haroldo de. *O arco-íris branco: ensaios de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, 284 p.

\_\_\_\_\_; CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Decio. *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*. Cotia: Ateliê, 2006, 286 p.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. 78 p.

\_\_\_\_\_. Tradição literária e consciência atual da modernidade. In: OLINTO, Heidrun Krieger (org.). *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. p. 47-100.

OLINTO, Heidrun Krieger. Questões institucionais no sistema literário. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 47-67, 2004.

PAZ, Octavio. *Los hijos del limo*. Santiago: Tajamar, 2008, 185 p.